

Tradução de “Uma cartografia ecofeminista para a esperança”, de Alicia Puleo

Alicia H. Puleo¹

Universidad de Valladolid (Uva) | Valladolid | CyL | ES

<https://orcid.org/0000-0001-5496-1948>

Tradução:

Laureny Aparecida Lourenço da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR

laureny@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0003-0627-2122>

A crise ecológica, social e econômica que atravessamos vem se gestando há décadas, mas agora se manifesta com características mais sombrias.² Não somente estamos diante de um mundo cada vez mais contaminado por todo tipo de substâncias químicas tóxicas, como também os cientistas nos informam que está em processo a sexta extinção dos vertebrados e temos a certeza de uma alteração climática antropogênica de direção suicida a qual nenhum país parece estar decidido a pôr um fim. Pelo contrário, postergam *sine die* as tímidas medidas anunciadas nas Cúpulas do Clima para dedicar todos os esforços a uma guerra que ameaça se converter em um conflito nuclear mundial. Retornamos à situação da Guerra Fria na qual a irracionalidade máxima da mútua destruição total entre potências emerge como uma possibilidade do porvir próximo. Neste penoso contexto, não posso evitar que voltem à minha memória estas palavras da pacifista e ecofeminista alemã Petra Kelly: “O último resultado do patriarcado desenfreado e terminal será a catástrofe ecológica ou o holocausto nuclear” (Kelly, 1997, p.28).

¹ Alicia H. Puleo é filósofa, professora e escritora. Catedrática de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valladolid, na Espanha. Organiza, anualmente, o curso online *Ecofeminismo: Pensamiento, Cultura y Praxis* junto com Dina Garzón. Tem centenas de publicações em vários idiomas (espanhol, inglês, francês, alemão, italiano e português). Alguns de seus livros são *Cómo leer a Schopenhauer* (1991), *La Ilustración olvidada, Filosofía, Género y Pensamiento crítico* (2001), *El reto de la igualdad de género* (2008), *Ecofeminismo para otro mundo posible* (2011), *Claves ecofeministas. Para rebeldes que aman a la Tierra y a los animales* (2019[2022]) y *Ser Feministas* (2020). *Pensamiento y acción*. É conferencista convidada em várias universidades da Europa e da América entre as quais estão Sorbonne Université, University of California – Los Angeles (UCLA), Università Ca’ Foscari Venezia, Universidad Nacional de Costa Rica, Universidad Nacional de Buenos Aires, Universidade Aberta de Lisboa, Universidad Nacional de Chile, Universidad Autónoma de México e University of Roehampton (Reino Unido). Desde o ano de 2014 é a diretora da Coleção Feminismos da Editorial Cátedra. Em 2020, o Senado da República Argentina, com a proposta da “Red de Defensoras del Medio Ambiente y el Buen Vivir,” lhe outorgou o título “Berta Cáceres”, por suas contribuições à filosofia ecofeminista.

² Nota da tradutora: Texto publicado originalmente em língua espanhola na Revista Atlántica – Revista de Arte y Pensamiento, nº 4, ano 2022. Autorização de tradução recebida do diretor da CAAM “Centro Atlántico de Arte Moderno”, em 29 de outubro de 2025.



O ecofeminismo surgiu no cenário de tensão bélica nos anos setenta do século XX como uma tentativa de corrigir o caminho da humanidade. Era, e continua sendo, guiado pela suspeita de que por trás do modelo de desenvolvimento destrutivo vigente se escondia a velha vontade de poder patriarcal. O dinheiro, afirmava Françoise d'Eaubonne, a criadora do termo “ecofeminismo”, é a última máscara do poder. O ecofeminismo reunia os dados da ecologia sobre a interdependência dos ecossistemas com o ativismo ecologista de defesa da natureza, com a crítica ao neocolonialismo e com a reivindicação feminista do direito das mulheres a decidir se desejam ou não ser mães.

Em um planeta com recursos limitados, o produtivismo industrial que se desenvolveu como dogma tanto no comunismo quanto no capitalismo é uma versão moderna da antiga *hybris* criticada pela filosofia grega. A *hybris* é a loucura que leva a desprezar os limites e a crença de ser invencível. Se a sabedoria repousa na virtude da prudência, a desmesura da *hybris* é um terrível defeito que leva a um inelutável destino trágico. Em nossos dias, o paradigma capitalista baseado no crescimento infinito em um planeta finito se revela inviável. Um dos signos é a multiplicação das erroneamente nomeadas “catástrofes naturais”. Apesar do silenciamento contínuo e da banalização interessada dos fatos, uma inquietude soterrada percorre a sociedade em todo o mundo.

Basta uma olhada nas plataformas mais populares de séries e filmes para comprovar que, atualmente, a ficção nos oferece inúmeros relatos distópicos. Aqueles que vão além da diversão comercial têm como objetivo inquietar, gerar temor para produzir uma reação saudável que detenha as práticas ruins.³ No entanto, junto à atração da experiência catártica do temor, o interesse que o ecofeminismo desperta demonstra que também há um forte desejo de utopias esperançosas que proponham soluções. Em seu uso comum, o termo “*utopia*” é portador de uma carga de ceticismo muito marcada. Implica desqualificar, considerar algo como de impossível realização: “Isso é uma utopia!”. Mas em seu significado originário e etimológico, “*utopia*” alude ao que ainda não aconteceu na realidade (*ou*, partícula negativa e *topos*, lugar), mas que se espera, que possa acontecer no futuro. O pensamento utópico desenha uma cartografia alternativa absolutamente indispensável para orientar nossos passos em um caminho emancipatório. Abre nossa mente para um horizonte regulatório que chama à ação, colocando em contraste o ser – a realidade tal qual é – com o “dever ser” – com uma realidade mais justa, mais compassiva, mais igualitária, mais luminosa. Busca visibilizar os efeitos de um presente ao que, erroneamente, nos acostumamos e sugere sua correção.

Na cartografia ecofeminista que elaborei, destacam-se dois lugares simbólicos: o jardim-horta e o labirinto do Minotauro. Como refúgio e lugar de encontro e reflexão ativa, propus a imagem do jardim-horta epicuriano (Puleo, 2019 [4 ed. atual. 2022]). A escola de filosofia de Epicuro se chamava *O Jardim* e consistia em uma simples horta que acolhia a todo aquele que quisesse conhecê-lo e praticar a reflexão sobre como alcançar a felicidade. Estava aberto às mulheres em uma época que as excluía do exercício da razão, admitia os escravos bárbaros em uma sociedade que somente considerava o grego, ou seja, ao homem livre, como capaz de filosofar. Este modesto jardim-horta provia os epicurianos de frutas e legumes com que alimentar-se e era, como as hortas urbanas atuais, um espaço fértil de amizade. O jardim-horta ecofeminista é um espaço-tempo que escapa à voragem do neoliberalismo globalizado e convida ao diálogo multicultural com as formas do bem viver que, como o *sumak*

³ Como o caso, por exemplo, da minissérie francesa *Colapso* (2019).

kawsay de Abya Yala, oferecem paradigmas que nos liberam da ferocidade consumista insaciável e insatisfatória. É espaço de igualdade e de cuidado.

Defini o ecofeminismo como um pensamento e uma prática emergentes contra a dominação patriarcal androantropocêntrica e neoliberal. O ecofeminismo é filosofia e é práxis. Vai além de um feminismo ambiental que, de maneira prudencial, optara por cuidar do entorno simplesmente porque necessitamos dele para sobreviver. Em um pensamento autenticamente ecofeminista, o mundo não humano não é um simples “recurso”, nem a Natureza é um cenário para maior glória do ser humano. Superar o androcentrismo implica desfazer-se desse viés cultural que levou a desvalorizar a empatia, a compaixão e as tarefas do cuidado, ou seja, todas aquelas atitudes e virtudes que se outorgaram às mulheres. Abandonar o antropocentrismo é combater o preconceito de espécie que nos faz crer que somente os seres humanos merecem nossa consideração moral e que os demais animais são simples instrumentos para satisfazer nossos desejos.

A partir da minha proposta de ecofeminismo crítico iluminista, considero que devemos reivindicar a igualdade em uma já grande tradição feminista, mas que esta justa integração no âmbito da Cultura não deve se limitar a reproduzir de maneira acrítica as atitudes e valores patriarcais. O guerreiro e o caçador são figuras do passado. Já não são adaptativas em um século XXI que requer o cuidado de uma Natureza à beira do colapso. É urgente universalizar uma ética do cuidado ecológica, pós-antropocêntrica e pós-genérica. Todos nós, seres humanos, somos capazes de cuidar e haveremos de aprender a fazê-lo para além de nossa espécie. Uma educação ambiental ecofeminista deve integrar e revalorizar as atitudes tradicionalmente femininas de empatia e cuidado, superando o dualismo hierarquizado entre razão/emoção que as excluiu do que se considera um ensino relevante para todos.

O ecofeminismo aposta em uma resiliência solidária, apresenta uma atitude generosa e cheia de energia que contrasta com o discurso dominante narcisista e mercantilista. Hoje, em plena crise ecológica, temos que nos perguntar pelo valor designado à Natureza e às atividades do cuidado da vida, não para prender novamente as mulheres no âmbito doméstico com discursos elogiosos que costumam ser um presente envenenado, mas sim para exigir a participação dos homens e impedir que uma Cultura androcêntrica, antropocêntrica, arrogante e destrutiva termine arrasando por completo a Terra. O modelo de desenvolvimento da Modernidade como conquista da Natureza através da razão instrumental está marcado não somente por um tempo histórico de expansão colonial, científica e tecnológica, mas também pelos mandatos de gênero para o andros, para o homem.

Com o labirinto do Minotauro, uma releitura ecofeminista do mito de Ariadne, Teseu e o terrível mostro, metade homem e metade animal, que devorava carne humana, representei o intrincado caminho em direção à conciliação com o Outro (Puleo, 2011 [10. ed., 2021]). No mito originário, o valente Teseu entrava no labirinto e, ajudado por um novelo de lã que Ariadne lhe tinha dado, encontrava o caminho de saída depois de matar o Minotauro. Na releitura ecofeminista que propus, Ariadne entra no labirinto do mundo de Teseu e ambos saem vitoriosos com o Minotauro vivo. Não o matam porque descobrem no labirinto, guiados pelo novelo – que simboliza a experiência histórica das mulheres – que o Outro não é um monstro perigoso, mas sim uma criatura infeliz que devem libertar. O animal não ahumano, o Outro por antonomásia em nossa tradição, é chave filosófica e existencial de uma visão mais realista de nossa própria espécie. Formamos parte da rede da vida na qual todos somos interdependentes. Ainda hoje, poucos sabem que não somente se trata de uma questão de

ética: as espécies silvestres contribuem para a manutenção dos ecossistemas e do equilíbrio climático, uma razão a mais para se espantar com a absurda aversão suicida que os humanos mostram em relação a esse “Outro”, o qual perseguem e exterminam (cf. Taffala, 2022) .

O sentimento de irmandade com os animais não humanos não é exclusivo das mulheres, nem se encontra em todas elas. Mas não deixa de ser certo que as mulheres são a maioria esmagadora nas tarefas de sua defesa e proteção em todo o mundo. As atitudes de empatia e piedade pela vulnerabilidade do não humano foram tradicionalmente desvalorizadas como debilidade feminina. Isto explica, em parte, a ênfase posta pelos filósofos partidários da extensão da comunidade moral para além da humanidade em desmarcar-se de qualquer argumento baseado nos sentimentos. Com isso, tentaram dar relevância filosófica à consideração de pacientes morais não humanos através de uma argumentação racional que não possa ser atacada como impulso subjetivo, capricho ou simples questão de gosto (feminino) carente de estatuto ético (masculino). Ter herdado uma cultura da qual historicamente as mulheres foram excluídas não é algo que se possa passar em branco, nem um detalhe sem consequências. Ainda temos um grande trabalho a fazer para determinarmos quais aspectos desta cultura são dignos de ser preservados e quais têm que ser transformados.

Afirma Diderot na *Encyclopédie*: “se apagamos o homem ou o ser pensante e observador da face da terra, o espetáculo patético e sublime da natureza somente é uma cena triste e muda. O universo se cala, possuído pela noite e o silêncio. Tudo se transforma em uma vasta solidão na qual os fenômenos não observados transcorrem de maneira escura e surda. A presença do homem faz interessante a existência dos seres” (Diderot, 1755). Como materialista do século XVIII, este filósofo, que aprecia por suas posições de vanguarda em tantos aspectos, tinha abandonado o dualismo cartesiano e o racionalismo mecanicista do século anterior, tinha abraçado o pan-energetismo e condenado o colonialismo europeu. Sustentava que a Natureza era uma grande cadeia de seres de variações infinitas e sutis. Não havia para ele um abismo ontológico, senão uma continuidade de complexidade crescente. Entretanto, como podemos constatar nesta passagem, o preconceito antropocêntrico subsiste em sua perspectiva sobre o mundo.

No silêncio noturno do jardim, observo dois pequeníssimos caracóis e junto a eles três lesmas reluzentes absorvendo, lentamente, os fluidos vegetais do lodo, dos líquens e cogumelos que surgiram com a chuva. As lesmas, essas frágeis criaturas desprezadas, caracóis com as mesmas antenas, mas sem casa! E, de repente, sinto que essa cena oculta nas sombras, em sua humildade, encerra uma imensa paz que me afasta do ruído de um mundo vociferante, agressivo e à beira da destruição. Não é uma cena triste e muda, é calma e está cheia de sentido independentemente da minha presença. Sem renegar aquilo que é valioso no legado do Iluminismo, vejo claramente que seu antropocentrismo extremo já não corresponde à minha visão do mundo. Sei que já somos muitas pessoas que deixaram para trás este viés de seu olhar. E esta evolução no terreno da ontologia, este deslocamento cartográfico, implica também novas convicções éticas.

À manhã seguinte, o vento sacode os galhos das árvores do jardim. Tudo reluz com um verde brilhante depois da chuva. Um bando de pardais alça voo com grande alvoroço. No fundo, as folhas da ameixeira lançam milhares de lampejos sob o sol. Formam uma cabeleira avermelhada que se agita, alegre e vital, como essa tocha ecofeminista que hoje convida a percorrer caminhos inexplorados em direção a outro futuro possível, um futuro de paz com a Natureza.

Referências

DIDEROT, Denis et al. (ed.). Encyclopédie (Philosoph.), *Encyclopédie*, 1755. V. V.

KELLY, Petra. *Por un futuro alternativo*. Barcelona: Paidós, 1997.

PULEO, Alicia H. *Claves ecofeministas*. Para rebeldes que aman a la Tierra y a los animales. Madrid: Plaza y Valdés, 2019. 4 ed., 2022.

PULEO, Alicia H. *Ecofeminismo para otro mundo posible*. Madrid: Cátedra, 2011. (Colección Feminismos). 10. ed., 2021.

TAFALLA, Marta. *Filosofía ante la crisis ecológica*: una propuesta de convivencia con las demás especies: decrecimiento, veganismo y rewilding. Madrid: Plaza y Valdés, 2022.